

Vendedor de empréstimo alerta credor americano

MARCOS A. DE LACERDA
Especial para "O ESTADO"

SÃO FRANCISCO — Como dizia Karl Marx, banqueiros não são mais do que intermediários entre empresários e pedintes. Eles não emprestam o próprio dinheiro, emprestam o dinheiro dos outros. Até 1982, quando o México declarou falência, emprestar dinheiro aos países do Terceiro Mundo era um dos melhores negócios de que se tinha notícia na história do sistema capitalista. Era o negócio de Saul C. Gwynne, um homem cuja profissão era viajar pela América Latina, batendo de porta em porta, vendendo dinheiro alheio em forma de empréstimos.

Em 1984, o negócio entrou em crise. Saul Gwynne perdeu o emprego e agora está escrevendo um livro sobre o assunto — "A Dívida", a ser publicado no começo de 1985 — dirigido ao público californiano. A América Latina deve US\$ 15 bilhões à Califórnia e o cheque ainda não está no correio. O livro de Saul Gwynne mostra como a crise internacional, gerada pela dívida Externa do Terceiro Mundo, afeta a vida dos clientes desses bancos — os verdadeiros donos do capital emprestado que, na verdade, nem sequer sabiam o uso que estava sendo feito do seu dinheiro.

"Se você depositou qualquer importância num dos principais bancos da Califórnia", diz um dos capítulos do livro de Saul Gwynne, "é bom saber que seu dinheiro encontra-se no momento num pântano de insolvência financeira. Pior que isso: na medida em que a América Latina caminha rumo à ruína econômica, seu dinheiro torna-se cada vez mais ameaçado por um fenômeno conhecido como repúdio da dívida".

REPETIÇÃO DA CRISE

Três países repudiaram com su-

cesso suas dívidas neste século e os analistas financeiros dos Estados Unidos começam à preparar os ânimos para uma repetição do fenômeno. Eles garantem que, pelo menos, dois países latinos repudiarão suas dívidas, causando um prejuízo de US\$ 71 bilhões aos bancos norte-americanos, o que poderá aniquilar as reservas de capital dos principais bancos da Califórnia. Se acontecer mesmo, Gwynne recomenda que os clientes desses bancos "digam adeus à esperança de que o Federal Deposit Insurance Corporation, o órgão do governo destinado a proteger os depósitos bancários, intervenha para resolver a situação. Com um capital de apenas US\$ 17 bilhões o FDIC jamais poderia cobrir os depósitos do Bank of America, caso a organização abra falência. Muito menos responsabilizar-se pelos efeitos que tal crise teria sobre US\$ 1 trilhão existente nos bancos dos EUA só em contas bancárias asseguradas pelo governo".

Arthur Laffer, gerente do Bank of America em San Francisco, diz que nenhum governo do mundo, muito menos o dos EUA, poderia assumir os US\$ 180 bilhões, equivalentes à dívida combinada de Brasil e México, caso esses dois países resolvessem negá-la. A quantia é maior que o déficit da administração Reagan no ano de 1984. "Nossa presente estrutura institucional não dispõe de tal capacidade", diz Laffer. Mas uma coisa é certa: seja qual for a saída, os contribuintes norte-americanos estarão envolvidos na solução final.

MEDO DO REPÚDIO

Esta é a relação dos empréstimos dos bancos da Califórnia à América Latina: o Wells Fargo Bank tem US\$ 1.502 milhão (111% do seu capital) em empréstimos ao Brasil, México e Venezuela. O Bank of America emprestou US\$ 6.839 milhão (133% do

seu capital) aos mesmos países latinos.

Só o Brasil têm US\$ 2,5 bilhões em empréstimos vindos do Bank of America, a metade do capital dessa instituição bancária. A dívida combinada do Brasil e do México para o First Interstate Bank é de US\$ 1.290 milhão (62% do capital), enquanto o débito desses países para com a Seacurit Pacifi é de US\$ 1.080 milhão (61% do capital). O Union Bank têm um total de US\$ 469 milhões (119% do capital) espalhados pela América Latina, além de US\$ 176 milhões emprestados apenas ao México. O Bank of California têm 123% de seu capital (US\$ 276 milhão) divididos entre o Brasil, Chile, Argentina e México. O capital do Crocker National Bank, US\$ 1.231 milhão, seria insuficiente para cobrir seus empréstimos ao Chile (US\$ 239 milhões), Argentina (US\$ 481 milhões), México (US\$ 588 milhões) e Brasil (US\$ 746 milhões).

Na questão da dívida externa dos países do Terceiro Mundo, o repúdio é a consequência que mais apavora os banqueiros e seus clientes, pois causaria o mais profundo dano ao sistema bancário norte-americano. O repúdio simultâneo por Brasil e México devoraria a maior parte do capital do Bank of America e significaria o fim da instituição em sua presente forma.

A prática do repúdio de dívidas, porém, não é nova, nem é privilégio apenas dos países pobres. No século XV, por exemplo, o papa repudiou sua dívida para com o Banco Medici, num ato que resultou no colapso do império financeiro da famosa família italiana. No século passado, o Estado de Mississippi recusou-se a pagar seus débitos para com um banco inglês, cujos herdeiros até hoje se recusam a pisar naquela parte dos EUA. O século XX já assistiu repúdios de dívidas pela União Soviética, China e Cuba.